

RELATO DE EXPERIÊNCIA**Obras de arte como agentes potencializadores de processos criativos e autoconhecimento****Works of art as potentiating agents of creative processes and self-knowledge**Paulette Vaisberg Gerecht¹

“A arte existe porque a vida não basta.”
Ferreira Gullar

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre como as obras de arte podem atuar enquanto agentes potencializadores nos processos criativos e na ampliação da percepção humana, propiciando caminhos de transformação por meio da Arteterapia. O trabalho baseou-se em um projeto de práticas arteterapêuticas, no qual obras de arte foram utilizadas com o intuito de atuarem como veículos sensibilizadores na elaboração dos processos criativos das participantes. Trabalhou-se com um grupo constituído por cinco mulheres com idades que variaram entre 39 e 61 anos. Por força das circunstâncias, devido à pandemia, o projeto desenvolveu-se em dois *settings* distintos. O modo presencial se deu no espaço de uma galeria de arte, território prolífico em manifestações artísticas, que foram utilizadas para atuarem como indutoras do fluxo criativo. No modo remoto, as obras de arte da galeria foram substituídas por imagens compartilhadas virtualmente na forma de slides que, com o mesmo propósito, serviram como ponto de partida para o desenvolvimento dos processos arteterapêuticos. As respostas frente às experiências propostas sugerem a amplitude de significados, sempre renováveis, que as obras de arte podem despertar no observador, possibilitando a ativação de processos criativos, movimentando a energia psíquica.

Palavras-chave: Arteterapia; criatividade; arte; símbolo; saúde mental.

Abstract: This article proposes a reflection on how works of art can act as potentiating agents in the creative processes and in the expansion of human perception, providing paths of transformation through Art Therapy. This present work was based on a project of art therapeutic practices, in which works of art were used with the intention of acting as sensitizing vehicles in the elaboration of the participants' creative processes. We worked with a group consisting of five women aged between 39 and 61 years. By force of circumstances, due to the pandemic, the project was developed in two different settings. The face-to-face mode took place in the space of an art gallery, a prolific territory in artistic manifestations, which were used to act as inductors of the creative flow. In remote mode, the works of art in

¹ Arquitecta e urbanista pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo; artista plástica e arteterapeuta (AATESP 579/1119) com especialização em Psicologia Analítica com ênfase em Mitologia, Contos de Fada e Arte; *email:* pauletteger@gmail.com.

the gallery were replaced by images shared virtually in the form of slides, which, with the same purpose, served as a starting point for the development of art therapy processes. The responses to the proposed experiences suggest the range of meanings, always renewable, that works of art can awaken in the observer, enabling the activation of creative processes, moving psychic energy.

Keywords: Art therapy; creativity; art; symbol; mental health.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre como a obra de arte pode atuar enquanto um agente potencializador nos processos criativos e na ampliação da percepção de si mesmo, ou seja, proporcionar caminhos de transformação conduzidos pela Arteterapia, tendo a fruição da obra de arte como um ponto de partida no processo arteterapêutico.

Inicialmente, vamos fazer algumas considerações a respeito das obras de arte, tendo em vista que as questões da natureza humana são a matéria-prima da arte. Conforme Ostrower (2001), tanto na expressão visual, como na dança, na música e na arquitetura, a forma, compreendida como linguagem da arte, “ultrapassa fronteiras geográficas, fronteiras culturais e se comunica por ser algo não verbal”. A autora entende que, pelo seu aspecto expressivo, “todas as formas, em última instância, referem-se às experiências mais fundamentais de nossa vida, que são experiências do espaço e do tempo”.

Ostrower (2013, p. 229-230) afirma que “ao nos depararmos com a justeza de formas expressivas numa obra de arte, como que encontramos uma resposta para nós mesmos. Resolvemos nossas tensões por um instante que seja”. Ainda, em suas palavras, “por esse instante de empatia podemos irmanar-nos aos grandes artistas, a um *Leonardo da Vinci*, um *Rembrandt*, um *Goya*, um *Cézanne* e ao lado deles entender a vida”. Para a autora, trata-se de “uma experiência das mais profundas”. Ela vem acompanhada de um sentimento de ampliação do nosso ser, de plena expansão da vida, de fortalecimento e transcendência”. Ela afirma que ao desfrutarmos de uma obra de arte, “sentimos que crescemos e aprofundamos nosso potencial de ser”. Nesse sentido, vale a pena refletir um pouco acerca do processo criativo e de como as obras de arte se constituem.

Sobre o processo criativo, Colonnese (2018, p. 23) afirma que este “é definido por Jung como um complexo autônomo, um processo que impulsiona a consciência do artista de forma impositiva, levando-o, muitas vezes, a ser surpreendido ante sua própria criação”. Esse aspecto autônomo da obra, no entanto, não exime a consciência do artista de sua participação no processo; a consciência justamente é necessária para reconhecer e dar forma ao impulso proveniente do complexo criativo, que trará a intensa participação do inconsciente.

Jung (OC vol. XV §157-110) nos conta que “o artista é o portador e plasmador da

alma inconsciente e ativa da humanidade”, (...) “sente que sua obra é maior do que ele, e exerce um domínio tal, que ele nada lhe pode impor”. A esse respeito, Saldanha (2010, p. 187-188) enfatiza que “a autêntica obra de arte, porém, é uma produção impessoal”, pois, em busca das imagens primordiais, (...) “o artista mergulha nas profundezas da psique através do processo de criação artística.”

Segundo o artista plástico Fingermann (2007, p.41; 58), “o pintor é uma espécie de mágico, (...) e através de falsas sombras, ilusórias perspectivas, enganosas evocações, nos faz ver o que está ausente. (...) Com a pintura, o desconhecido se aproxima de nós. A pintura faz ver o ver”. Para o autor, “... o dizer da pintura não se esgota com o assunto. O tema é um artifício. Há um transbordamento do tema, que faz da pintura uma espécie de enigma”.

Por que buscar “ver o que está ausente” e fazer “ver o ver” na obra de arte são ações importantes? Ao lançarmos um olhar para a contemporaneidade, podemos perceber que nela há um chamado para a velocidade. A velocidade do mundo está tão acelerada que, mais do que nunca, a introspecção e a autoconexão se fazem necessárias. Fingermann (2007, p. 27) nos fala que “no mundo de urgências em que vivemos o homem vaga entre a desordem das lembranças e as urgências da vida”; ele completa que “a arte é uma forma de resistência a essa aceleração, uma espécie de pausa, de acostamento que fazemos nos caminhos, nas estradas, para ver a paisagem que, de outra forma, passaria incessantemente”. Nesse contexto, observa-se que os sentidos humanos estão sendo negligenciados pela correria do dia a dia. Preocupadas com os apelos do mundo exterior, muitas pessoas perdem a conexão com seu mundo interno e não param para ver, ouvir ou sentir.

Diante disso, ao oportunizar a apreciação da obra de arte, abrimos espaço para essa pausa interna, podendo, então, acessar nossos sentidos. A arte passa a ser essa dimensão em que o tempo se expande, trazendo um espaço para a reflexão e para a ativação do sensível.

Por esse motivo, a proposta do projeto arteterapêutico, que norteou a série de experiências que serviram de base para este estudo, foi utilizar a obra de arte como veículo sensibilizador para que, por meio do contato do observador com a criação artística, novos mundos, repletos de símbolos, pudessem ser descortinados, despertando a imaginação, as reflexões e os novos olhares. Philippini (2013, p. 18) pontua que “o símbolo aglutina e corporifica a energia psíquica, permitindo ao indivíduo entrar em contato com níveis mais profundos e desconhecidos do seu próprio ser e crescer com essas descobertas”. Entendemos que a autora quer nos dizer que, ao mergulhar em tais mundos, ativando o próprio processo criativo, o indivíduo poderá resgatar imagens do inconsciente e, por meio da própria expressão, transformar-se, ressignificando conflitos pessoais.

Segundo Carvalho (2012, p. 71-72), “a criatividade é um ato de confiança no inconsciente. (...) Para a psicologia analítica é um processo de abrir espaço para que as fantasias e imagens do inconsciente possam se apresentar”. Porém, para que os conteúdos do inconsciente surjam na consciência e se transformem em produto criativo, ou seja, para que esse ato de criatividade de fato ocorra, será necessária a intermediação do ego que deverá disponibilizar esse espaço para o inconsciente, suportar a tensão decorrente desse ato e se abrir para o desconhecido.

Sobre ativar o próprio processo criativo, May (1975, p. 17) nos fala: “quando estudamos um quadro — o que é necessário para realmente vê-lo, especialmente em se tratando de arte moderna — experimentamos um novo momento de sensibilidade”. Nesse sentido, ele entende que “o contato com o quadro desperta em nós uma nova visão, algo de especial nasce no nosso íntimo”; ele reforça essa ideia quando afirma que “a apreciação da música ou da pintura ou de outros trabalhos criativos é um ato de criatividade da nossa parte”.

Corroborando as ideias de May, Tarkovski (1998 *apud* MAIA, 2010, p. 179) afirma que “ao se emocionar com uma obra prima, uma pessoa começa a ouvir em si própria aquele mesmo chamado da verdade que levou o artista a criá-la”. Tarkovski (*op. Cit.*) enfatiza que “quando se estabelece uma ligação entre a obra e seu espectador, este vivencia uma comoção espiritual sublime e purificadora. É neste momento de descoberta de si mesmo que nos transformamos”.

Posto isso, conforme May (1975), ao se observar uma obra de arte, cria-se uma oportunidade para o exercício da criatividade. E, por meio desse exercício que já se inicia no próprio ato de observar a obra, o indivíduo abrirá espaços para o afloramento de fantasias e de imagens do inconsciente; isso poderá evocar sensações, sentimentos, memórias e emoções. As imagens advindas do exercício de imaginação que é desperto pela obra de arte poderão ser materializadas por meio de atividades expressivas as quais, segundo Philippini (2013, p. 16), “são utilizadas com o propósito de revitalizar áreas desusadas, núcleos bloqueados, resgatando a possibilidade do livre fluir da energia psíquica”.

Portanto, por meio da obra de arte, uma conexão viva entre o artista e o espectador poderá constituir-se. Entende-se que, da mesma maneira que a obra de arte irrompe impulsionada pelo complexo criativo que se manifesta por meio do artista, o observador, ao entrar em contato com as imagens arquetípicas projetadas na obra, poderá conectar-se com algo que habita as camadas mais profundas de sua própria psique, aquelas camadas que integram o inconsciente pessoal e coletivo.

Jung (2014, OC vol. IX/1 §88) afirma que “o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos”; enquanto que “os conteúdos do

inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade”. Silveira (1975, p. 72) entende que os arquétipos que povoam o inconsciente coletivo são “fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens”, ou seja, esse conceito “indica a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo o tempo e em todo lugar”.

A respeito dessas estruturas psíquicas arquetípicas recorrentes ao longo do tempo, em todas as culturas, May (1975, p. 41) nos diz que o artista “tem o poder de revelar o sentido básico de qualquer época, precisamente porque a essência da arte é o encontro vivo e vigoroso do artista com o seu mundo”, ou seja, a autêntica obra de arte é a manifestação de uma linguagem universal, permeada por imagens arquetípicas que são atemporais.

Desse modo, o espectador da obra de arte, ao fruí-la, poderá ser capturado de alguma maneira pela imagem, de tal forma que esta possa acessar nele memórias relacionadas com a sua ancestralidade (inconsciente coletivo), pois o artista, segundo Jung (OC, vol. XV, §161), consegue tocar as regiões profundas da alma, “onde todos os seres vibram em uníssono e onde, portanto, a sensibilidade e a ação do indivíduo abarcam toda a humanidade”. Da mesma maneira, o espectador poderá acessar memórias relacionadas com conteúdos reprimidos ou latentes de sua própria história de vida (inconsciente pessoal). Isso acontece quando o indivíduo é atravessado pela imagem e se projeta nela, ocorrendo um reconhecimento dos seus próprios conteúdos, ou seja, a obra de arte será reelaborada a partir das condições subjetivas do indivíduo, pois, ao simples ato de observá-la, sua psique faz projeções; ela cria imagens espontâneas e projeções o tempo todo. Lembrando que, para Jung (OC, vol. XI/5, §889), “todo processo psíquico é uma imagem e um imaginar”. Quanto às projeções, Jung (OC, vol. VI, §881) explica que “projeção significa transferir para o objeto um processo subjetivo. (...) A projeção é, portanto, um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado, de certa forma, ao objeto”. Neste caso, estamos nos referindo ao que Jung denomina de projeção ativa, que é o componente essencial do ato de empatia; segundo o autor (OC, vol. VI, §882), “a empatia, como um todo, é um processo de introjeção porque serve para levar o objeto a uma íntima relação com o sujeito”.

Seguindo essa linha de raciocínio, Colonnese (2018, p. 24) reitera que “a obra de arte, desatrelada em algum grau da personalidade de seu criador e revivificada em seu receptor, tem a característica de ser sempre aberta a novas significações, sempre passível de ser vista de um modo diferente do de outrora”, isto é, a obra de arte é algo que sempre poderá ser vivenciada como uma experiência temporal-espacial particular e individual; ela vai refletir aquilo que for capturado pela psique do espectador naquele contexto, dependendo, portanto, de sua subjetividade, de sua cultura e do espírito da época em que ele se insere.

Posto isso, diante do alcance e da profundidade que a linguagem de formas, que é própria da arte, pode atingir na psique, extrapolando a dimensão lógica e racional, a obra de arte pode possibilitar ao espectador acessar um universo imagético e arquetípico cuja complexidade é, em grande parte, inexprimível de forma verbal; podendo, portanto, entrar em ressonância, por meio de projeções, com as necessidades profundas e essenciais de seu mundo interno. Ostrower (1983, p. 60) reforça essa ideia ao afirmar que, quando apreciamos uma obra de arte, “entendemos, sem uma palavra, que alguma coisa nos está sendo transmitida, às vezes alguma coisa que queremos escutar com muita atenção”. Ela acrescenta que “diante das obras de arte fazemos nossas sínteses. São atos de compreensão que cada um faz dentro de si e com sua própria bússola, de acordo com a personalidade de cada um”.

Sobre a linguagem de formas a qual Ostrower (1983, p. 59) se refere, ela segue afirmando que “ao intuir as coisas, relacionando-as e procurando reconhecer certos significados, não fazemos uso de palavras e sim de configurações”. Não se trata, portanto, de um processo meramente lógico, pois este se dá em um nível profundo, fora do alcance racional. Conforme a autora, “condensando a experiência de vida, as formas artísticas incorporam verdades que ultrapassam o mero raciocínio e que palavras descritivas seriam inadequadas para penetrarem. (...) As formas condensam sem reduzir ou simplificar; ao diferenciarem, elas ordenam” (2013, p. 242-244).

Ostrower (2013) salienta que há uma “universalidade-especificidade” nos conteúdos de arte que repercutem de forma imediata nos níveis perceptivos, emocionais e intelectuais, permitindo sempre novas interpretações das complexidades desses conteúdos, uma vez que são “sínteses do geral e do particular”. Por seu caráter autônomo, universal e aberto às infinitas possibilidades de significados, a obra de arte pode sensibilizar e provocar o observador, despertando nele toda sorte de reflexões conscientes, mas, principalmente, acessando as mais remotas instâncias do inconsciente, propiciando a ativação de seu próprio processo criativo.

Metodologia

O projeto arteterapêutico que deu origem a este artigo baseia-se na busca do autoconhecimento mediante o exercício de processos criativos, tendo as obras de arte como agentes sensibilizadores das participantes dos encontros. Foram propostas 34 sessões, cada uma com 90 minutos de duração. Os encontros eram compostos por quatro etapas baseadas na Metodologia das Oficinas Criativas de Allessandrini (1996, p. 39-43), a saber:

- a) “Sensibilização” - Momento em que o participante inicia uma relação diferenciada com o mundo, colocando-se em um estado de maior percepção de si mesmo e do mundo ao seu redor. Faz respirações profundas para auxiliar na focalização da

atenção na consciência; esse momento de sensibilização se dá por meio do contato visual com a obra de arte;

b) “Expressão livre” – Experiência vivida por intermédio de uma linguagem não verbal, utilizando-se de técnicas e materiais artísticos;

c) “Transposição de linguagem” – Após parar para olhar a expressão feita e elaborar a imagem produzida, propõe-se uma transposição dessa expressão para outra linguagem, por vezes uma escrita criativa, com o intuito de uma conscientização e percepção em relação aos símbolos que emergiram em suas expressões;

d) “Avaliação” - Reflexão conjunta com o grupo sobre todo o processo.

O desenvolvimento do projeto deu-se em dois momentos distintos, presencial e remoto. No modo presencial, a proposta previa utilizar o espaço privilegiado de uma galeria de arte, com seu rico material repleto de manifestações criativas. Os artistas utilizados como referência foram aqueles oferecidos pela própria galeria, seguindo seu cronograma de exposições (figuras 1 e 2). Nessa fase foram utilizadas as obras de *Doris Hahlweg*, *Júlio Barreto*, *Kiyoko Kozawa*, *Arnaldo Paoliello*, *Mariza Mainieri* e *Ricardo Sanzi*.

O grupo que participou do projeto era constituído por cinco mulheres com idades entre 39 e 61 anos. Entretanto, a partir do 9º encontro, devido à pandemia, tivemos que prosseguir com o trabalho de forma remota. A participante S, residente fora do Brasil, juntou-se ao grupo apenas a partir do 14º encontro. As imagens apresentadas têm a autorização das participantes.



Figura 1. O grupo em atividade. Acervo da autora.



Figura 2. A escolha da obra. Acervo da autora.

O formato remoto ocorreu como consequência do isolamento imposto pelo período de pandemia, momento em que foi necessário repensar e abordar temas como: o isolamento social, o medo da doença e da morte, as incertezas econômicas, a reinserção no mercado de trabalho e o estranhamento diante da falta de sentido da situação pandêmica. Essas questões foram essenciais para manter as integrantes em conexão com o projeto, sendo que a ideia inicial foi proporcionar suporte e acolhimento, trabalhando para a manutenção do vínculo com o grupo.

Procurou-se manter o propósito do projeto criando um *setting* arteterapêutico virtual impregnado de obras de arte. *Slides* passaram a ser os veículos para compartilhar artistas e suas obras nas plataformas virtuais. Nessa etapa, foram utilizadas obras de arte de vários artistas, dos mais diversos períodos e procedências, constando entre eles: Henri Moore; Kimi Nii; Georgia O’Keeffe; Pablo Picasso; Artur Bordalo; Renée Magritte; Paul Klee; Max Ernst; Cândido Portinari; Rembrandt Van Rijn; Tarsila do Amaral; Henri Matisse; William Turner.

Relato de experiências

O Ateliê Galeria Priscila Mainieri, galeria de arte na qual se desenvolveram os encontros arteterapêuticos, possui um perfil voltado para as artes visuais contemporâneas, tendo a missão de apoiar, promover e comercializar trabalhos de artistas que exercem a prática constante e consistente do grafismo, manifestado em múltiplas formas de expressão; pintura, desenho, aquarela, tipografia, fotografia, colagem, *stencil* e gravura são as muitas linguagens com as quais trabalha. Oferece exposições, palestras, debates e cursos

frequentes ministrados por profissionais reconhecidos.

A seguir, compartilharemos algumas das experiências que ocorreram no âmbito da nossa proposta. Por se tratar de um estudo qualitativo e com a intenção de acompanhar o desenvolvimento do projeto por meio de uma análise um pouco mais detalhada, optamos por aprofundar aqui somente algumas sessões. Então, fizemos um recorte que contempla apenas quatro encontros, dois presenciais e dois remotos, nos quais destacamos a participação da integrante F, doravante designada por uma letra maiúscula aleatória. As demais participantes do grupo terão seus processos descritos de forma sintética, um pouco mais adiante.

Trabalhando com o acervo da galeria

Inicialmente, propôs-se que cada uma das integrantes do grupo selecionasse a obra de arte com a qual mais se identificasse. A intenção foi propiciar a elas um resgate de imagens do inconsciente que pudesse manifestar-se, espontaneamente, por meio de projeções. Refletindo sobre a escolha, cada uma desenvolveu sua própria pintura em tela com tinta guache, a partir da qual emergiram sentimentos e novas percepções.

Ao utilizar a técnica da pintura, procurou-se propiciar um espaço para o livre fluir das emoções. Conforme Carrano e Requião (2013, p. 99), “podemos utilizar as tintas para explorar o mundo dos sentimentos e das emoções, por meio de sua fluidez e de suas cores.” Pois o ato de pintar expande-se “tanto na superfície que está sendo pintada, como na psique de quem está pintando”. (...) “A fluidez e a expansão das tintas favorecem a liberação, o soltar-se, a ultrapassar limites e barreiras internas”.

Nesse contexto, a experiência da integrante F deu-se a partir da escolha da obra de Júlio Barreto (Figura 3), que inspirou sua expressão. Ao entrar em contato com a pintura, F captou alguns símbolos que se relacionavam com suas próprias buscas.

Baseando-se em Ott (*apud* CARRARO e REQUIÃO, 2013, p. 55), foi solicitado, como proposta para leitura da pintura escolhida, que ela descrevesse o que estava vendo, o que eventualmente estaria acontecendo na pintura e o que ela sentia ao observá-la. Segundo F, a obra remeteu-lhe ao Grafite e ao *Pop Art*. Prestou atenção nos elementos, notando uma mulher de costas que estava se movimentando à frente, determinada. Notou a presença sutil de várias chaves no quadro. Em suas palavras: “é uma mulher que tem a chave do destino dela, ela está indo, ela tem um caminho. As chaves de vários formatos indicam a saída... Ela está sozinha, mas não está só... Ela tem vontade própria e caminha livre e leve. As cores vivas do fundo me dizem que ali há energia positiva, pulsante... Às vezes estamos meio perdidos num oceano de coisas e não enxergamos a saída, que é um pouco como eu me sinto... Isso representa que a chavinha do tesouro está aí, a gente tem que ir lá buscar”.

Com seu olhar, F encontrou símbolos da sua própria história. Vimos que ela projetou

na obra, de forma inconsciente, tudo aquilo que almejava para si naquele momento, acessando seu processo criativo. Reforçando esse entendimento, buscamos o conhecimento de Ostrower (s/d), que diz que “quando fruímos de uma obra de arte, *não* olhamos para ela apenas com os olhos, mas com todo o nosso ser”, ou seja, acionamos todos os nossos sentidos nesse processo.

No seu trabalho, F utilizou diversas técnicas para criar texturas de forma bastante intuitiva. Aplicando tinta por meio do contato de uma chave com a superfície da tela, como se fosse um carimbo, acabou por situá-la bem no centro iluminado de um círculo, integrado por cores quentes e vivas (figura 4) que, segundo ela, se assemelhou a um mandala.

Conforme Jung (OC, vol. IX/1, §713), “a palavra sânscrita mandala significa ‘círculo’ no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e na psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente ou dançadas”.



Figura 3. Obra de Júlio Barreto. Acervo da autora.



Figura 4. A chave ficou no lugar perfeito. Acervo da autora.

Artistas da exposição coletiva *Kairós* e o conjunto de suas obras

Neste outro encontro presencial, foi proposto para as integrantes do grupo que elegessem um artista dentre os diversos participantes de uma exposição coletiva temporária denominada *Kairós* (Figuras 5 e 6). Observando o conjunto da obra do artista escolhido, elas deveriam fazer uma livre associação de palavras, traduzindo os sentimentos despertados por tal conjunto, utilizando, a partir daí, a técnica da escrita criativa aplicada à Arteterapia.

A escrita criativa possibilita a interação entre o campo simbólico de imagens e as palavras, podendo promover um acesso gradual a conteúdos inconscientes. Philippini (2018, p. 110;111;115) considera que “a ‘escrita criativa’ tem uma importante função no processo arteterapêutico: escrever para compreender a si mesmo, pois as palavras guardam em sua essência imagens diversas, que podem surgir em associações livres, produtos da singularidade e da subjetividade de cada um”. A autora cita a escritora Clarice Lispector: “A palavra é uma isca para pegar aquilo que é ‘não-palavra’”.

A partir dos sentimentos e imagens despertados pela escrita, foi solicitado que fizessem uma aquarela, incluindo a utilização de lápis aquareláveis, permitindo a passagem gradual das linhas para as manchas, possibilitando, segundo Carrano e Requião (2013, p. 74), “o contraste entre o controle gráfico da linha para a suavidade tonal das manchas”.

Aproveitando o tema da exposição, foram introduzidos os conceitos filosóficos de *Chronos* e *Kairós*. De acordo com Rusconi (2003), podemos dizer que *Kairós* é o tempo oportuno; o tempo que não pode ser medido, o tempo livre do peso das cargas e da ansiedade das coisas; é a forma qualitativa do tempo. Enquanto que *Chronos* é o tempo que se pode medir; é o tempo cronológico; é a designação formal de um espaço de tempo.

Nessa vivência, tal temática, traduzida por meio da poética de cada um dos artistas, acabou por configurar-se como uma espécie de ponte para que as participantes acessassem experiências por elas vividas em tempos passados.

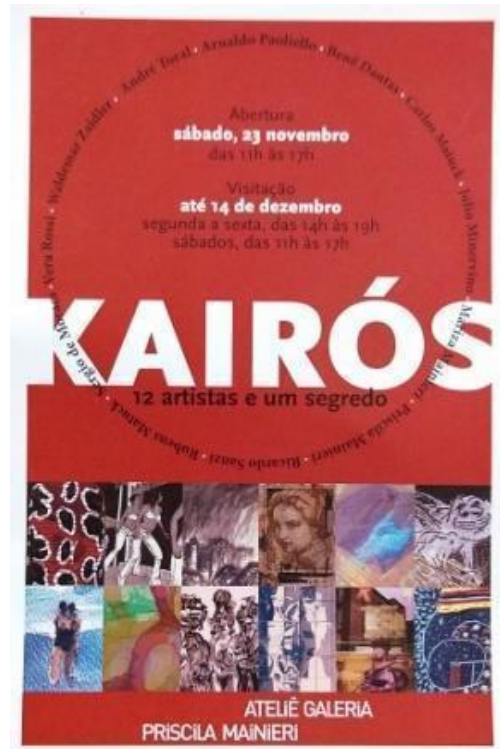


Figura 5. Flyer da exposição *Kairós*. Acervo da autora.



Figura 6. Exposição *Kairós*. Acervo da autora.

A participante F optou pelo conjunto das pinturas de Ricardo Sanzi (figura 7), por meio das quais, mensagens implícitas de seu inconsciente poderiam ser evocadas. Algumas imagens da obra desse artista puderam ser capturadas pela observadora, de modo a despertar nela algo que entrou em ressonância com suas necessidades internas daquele momento.

Em sua livre associação realizada a partir desse conjunto de pinturas, F resgatou as seguintes palavras: “caos urbano; tempestade; escuridão; labirinto; portas abertas; luz; segurando o destino; pessoas só; solidão; luz da vida; vida”. Lembramos que, para Jung, o termo **associação livre** “designa um dos múltiplos modos em que elementos psíquicos diferentes podem entrar em relação entre si”; de tal forma que, “cada elemento recebe sua significação não apenas pelo fato de estar em estreita e evidente relação com algum outro elemento, mas também porque evoca uma relação por assim dizer ‘virtual’ com outros elementos que não estão ainda explicitamente vizinhos”. (PIERI, 2022, p. 58).

O conjunto de palavras mencionadas por F pode ter evocado imagens arquetípicas simbólicas, as quais ela transpôs para uma linguagem plástica por meio da aquarela. Ela notou que algumas das palavras que lhe ocorreram eram antagônicas, ficando em dúvida se eram divergentes ou complementares. Acabou por compará-las com luz e sombra, integrando-as em sua expressão. Na aquarela (figura 8), utilizou cores complementares, informando que “há uma luz quase no meio e que todos os demais traçados, em cores complementares, estão interligados criando uma conexão com o todo”. Nessa fala, ela nos remete ao que Jung nos ensina sobre os mandalas individuais, que “utilizam uma quantidade ilimitada de temas e alusões simbólicas”. Segundo ele (OC, vol. IX/1, §717), o objeto dos mandalas “é o *si-mesmo* em oposição ao *Eu*, que é apenas o ponto de referência da consciência, enquanto o *si-mesmo* inclui a totalidade da psique de um modo geral, ou seja, o consciente e o inconsciente”. Ele nos fala que os mandalas podem ter um efeito terapêutico sobre quem os faz, já que podem representar “tentativas muito ousadas de ver e reunir opostos aparentemente irreconciliáveis e de vencer divisões que pareciam intransponíveis” (OC, vol. IX/1, §718).



Figura 7. A obra de Ricardo Sanzi. Acervo da autora.



Figura 8. Conexão com o todo. Acervo da autora.

A seguir apresentaremos dois dos trabalhos que foram realizados de modo remoto.

Garota na Frente do Espelho – Pablo Picasso

O quadro de Picasso, **Garota na Frente do Espelho**² de 1932, foi apresentado ao grupo, em tela compartilhada, por suas características peculiares; uma figura feminina olha para si mesma através de um espelho, porém a imagem representada no espelho é diferente da imagem da mulher que está se olhando. Nosso intuito foi propor uma reflexão

² Disponível em: <<https://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/girl-in-front-of-mirror-1932>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

sobre as máscaras que usamos socialmente, sobre as imagens que temos de nós mesmos e sobre as múltiplas facetas que nos compõem.

Conforme Galesco (2016, s/n), “o arquétipo do espelho sempre esteve presente na arte, seja na Grécia Antiga, no mito de Narciso ou na Idade Média, onde a Igreja Católica alertava contra os malefícios de seu uso, pois o espelho estava intimamente ligado ao pecado da vaidade”.

Utilizando a imagem da pintura de Picasso como referência, solicitamos que as participantes fizessem alguns recortes de revistas, selecionando imagens com as quais mais se identificassem. Em seguida, pedimos que fizessem uma colagem procurando expressar como estavam se vendo naquele momento.

Ceia (2009, s/n) nos conta que “Picasso e Braque foram os primeiros cultores plásticos da colagem, inaugurando uma nova estética da fragmentariedade e da surpresa, explorando todas as possibilidades do cubismo”. Picasso foi introduzido ao grupo como co-fundador do Cubismo juntamente com Georges Braque, tendo sido um dos difusores da colagem como uma técnica artística.

Sobre a aplicabilidade dessa técnica na Arteterapia, Carrano e Requião (2013, p. 34) consideram que as atividades com colagem podem ser “propostas organizadoras e estruturantes”. (...) A colagem estimula a imaginação ao criar um espaço de elaboração e significação das imagens”, sendo que isso fica mais evidente nas atividades em que são utilizadas figuras de revistas, pois as mesmas encerram “imagens carregadas de significados subjetivos, que irão fazer um apelo direto à emoção e ao sensível”.

Tomando uma distância reflexiva, F falou sobre seu processo, procurando trazer uma compreensão de suas questões internas; ela nomeou sua colagem de **Pedaços de mim**. Usou a palavra **união** para expressar a busca de quem ela mesma é: “procurei trazer na colagem uma união de todos os meus aspectos, pedaços de mim, aquilo que me compõe” (figura 9). F descreveu um lado mais introspectivo, um lado sombra, outro mais feliz, despojado, rebelde, seus momentos de relaxamento, de dor, pois acha que tem um pouquinho de tudo. “Temos várias facetas; acho que o conhecimento de quem somos para poder lidar com tudo isso é muito importante.”

Como resultado de suas reflexões, F fez uma associação com as múltiplas facetas que nos compõem como seres humanos, facetas essas que, muitas vezes, parecem antagônicas ou dissonantes, mas que se constituem em um todo e que se complementam. Percebeu que mesmo aqueles sentimentos mais intensos e sombrios precisam ser acolhidos e compreendidos como partes integrantes de uma mesma essência. Essa complexa estrutura deve ser entendida como algo dinâmico, que se movimenta constantemente, pondo as diferentes facetas em evidência, de acordo com cada momento de vida. “Somos a união de tudo isso”.



Figura 9. Pedacos de mim. Acervo da autora.

Isto não é um Cachimbo – René Magritte

Elaborando a falta de sentido da realidade...

A obra **A Traição das Imagens ou Isto não é um Cachimbo**³, de 1929, de autoria do expoente do Surrealismo belga, René Magritte, foi apresentada ao grupo em *slide*.

Por ser verossímil com o objeto original, o cachimbo, a imagem nos faz crer que ela é o próprio objeto, porém, ela é apenas uma imagem, por isso o título, **Isto não é um cachimbo**. Além disso, Magritte associa a imagem do objeto com as palavras que a representam (**Ceci n'est pas une pipe**) no idioma francês, o que não passa de um código para designar a imagem do cachimbo (cf. DORIGO, 2022).

A partir dessa obra emblemática que traz a discussão sobre a falta de relação que há entre as palavras, as imagens, e o mundo real, propôs-se uma reflexão sobre a falta de sentido do momento pandêmico que era, então, vivenciado em toda sua potência. A representação simbólica da realidade – a imagem do cachimbo – deve ser vista de uma forma subjetiva, muito individual; por mais realista que pareça a pintura, ela é apenas uma representação muito pessoal que o artista faz daquilo que está vendo, percebendo e

³ Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte/the-treachery-of-images-this-is-not-a-pipe-1948>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

sentindo, sendo que cada qual irá vislumbrá-la à sua maneira, conforme seu próprio mundo interno. Ela sempre será apenas uma representação imagética da realidade.

Nessa sessão, utilizando o recurso dessa imagem, que pode ter vários sentidos, a proposta foi solicitar às participantes que trabalhassem a partir do símbolo do próprio nome, fazendo uma associação criativa com as letras, formando novas palavras, até que estas constituíssem uma frase ou uma pequena estória. Em seguida, elas deveriam fazer uma transposição de linguagem dessa escrita para um desenho. Não era relevante que a estória tivesse coerência. O que importava era garimpar os símbolos que fizessem sentido para cada uma delas.

A participante F escreveu algumas frases que evocavam pensamentos profundos e sensíveis, conectados com seu momento atual. Aqui destacamos duas delas: “O céu de Ícaro tem mais poesia do que o céu de Galileu” (frase que ela trouxe da memória da música da banda **Paralamas do Sucesso**). Essa primeira frase sugeria um estímulo para que ela pudesse se lançar em busca de novas experiências, pois, aparentemente, F encontrava-se num impasse, em estado de observação das coisas, sem ação.

A outra frase, que originou a produção da sua imagem, foi: “O amor é como o farol do mirante a guiar a viagem de volta para o lar”, simbolizando, para ela, a preocupação e a fé em relação à saúde de seu esposo; essa frase também se referia ao retorno idealizado a uma rotina normal, pós-pandêmica. Sua expressão plástica (figura 10) era rica em símbolos tais como: o farol, a rosa, o coração pulsante navegando no oceano, o rosto e as mãos em prece; ela foi *Circum-ambulada* com a participação ativa do grupo, trazendo vários *insights* a todas as participantes. Conforme Philippini (2018, p. 17), *Circum-ambulação* é “o conjunto de ações realizadas, movimentando-se em volta de um eixo constituído pelo símbolo, para permitir o livre trânsito dos conteúdos inconscientes rumo à consciência, até que sejam compreendidos.” O trabalho dinâmico da equipe mostrou-se enriquecedor, fortalecendo os vínculos de amizade, cumplicidade e sororidade.



Figura 10. O Mirante do Farol. Acervo da autora.

O desenvolvimento do processo arteterapêutico, iniciado no *setting* da galeria de arte, prosseguiu no ambiente virtual sem perder a vitalidade das produções que foram renovadas a cada encontro, sempre sob a proposta de uma nova obra de arte.

Compreensões arteterapêuticas individuais

Agora, vamos acompanhar, de forma sintética, como foi o desenvolvimento do processo arteterapêutico para cada uma das participantes do grupo, que serão identificadas por letras maiúsculas aleatórias a fim de preservar suas identidades.

F

A integrante do grupo F, cuja participação foi destacada nos quatro encontros anteriormente descritos, iniciou no grupo surpreendendo-se com o surgimento de um símbolo de metamorfose em sua primeira expressão. Dizendo-se “perdida num oceano de coisas”, vislumbrava a chave que iria indicar o caminho. Tinha a percepção de que, a despeito da importância da família em sua vida, a ausência de objetivos pessoais lhe tornava incompleta enquanto ser humano.

F havia tido uma posição de destaque em seu meio profissional, porém, após o nascimento do filho, acabou sofrendo um revés e perdendo o emprego. Ela decidiu dedicar-se integralmente aos cuidados de seu filho para acompanhá-lo durante sua alfabetização. Desde então, nunca mais conseguiu retomar sua carreira, o que se tornou um grande motivo de frustração para ela.

Na sessão em que compartilhamos algumas obras Impressionistas e propusemos uma atividade expressiva com pintura, ela produziu uma imagem na qual representou uma

cachoeira, onde praticava esportes radicais quando era mais jovem. Nessa oportunidade, mesmo alegando dificuldades técnicas para realizar sua expressão, ela conseguiu resgatar momentos de sua vida em que foi extremamente corajosa e destemida; momentos em que pôde entrar em contato com sua força interior para lutar por seus sonhos, ganhar o mundo.

F sempre demonstrou ter consciência da importância do autoconhecimento para seu crescimento pessoal. Sensível, inteligente, articulada, ela indicava ser uma pessoa bastante racional, com dificuldades de entrar em contato com suas emoções mais profundas.

Nos últimos encontros, nossos esforços foram dirigidos no sentido de criar oportunidades pelas quais ela pudesse entregar-se ao processo, evitando que seu lado mais racional a restringisse. Propusemos atividades com tinta, à base de muita água, estimulando o livre fluxo das emoções para que ela pudesse se soltar, elaborando novos caminhos por meio de processos mais profundos e inconscientes (figura 11).

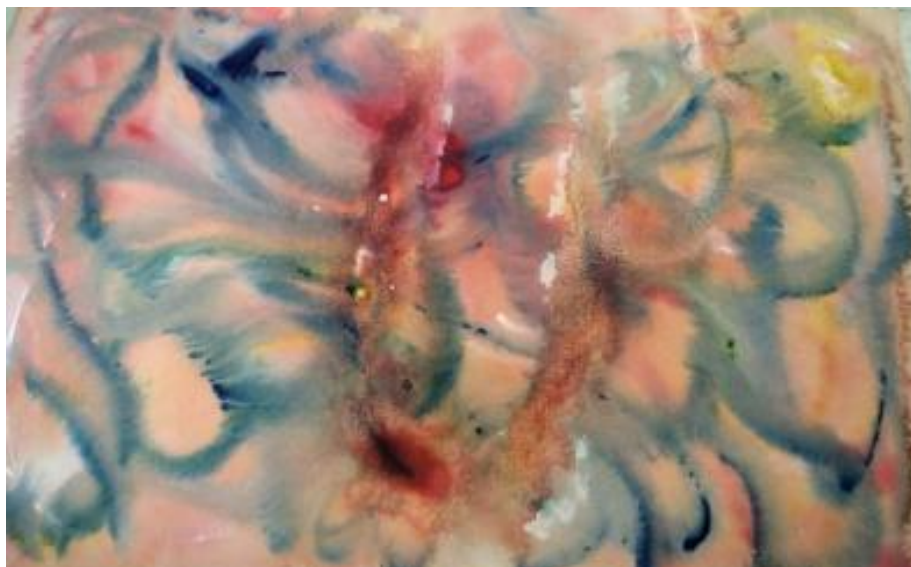


Figura 11. Fluidez na expressão. Acervo da autora.

Naquele momento, ficou claro para F que sair do posto de observação e mover-se em busca da experiência, por mais singela que esta pudesse ser, seria mais importante do que descobrir seu grande propósito de vida, pois este seria desvelado ao caminhar e não por meio da reflexão idealizada e distante, meramente contemplativa.

S

A participante S entrou no grupo já em andamento, no 14º encontro. Sentia-se uma observadora, vivendo em paralelo com a realidade vigente em seu país, uma vez que residia fora do Brasil; sentia-se esquecida, à margem, pois tinha dificuldades concretas de

reintegrar-se à vida cotidiana após quarentena.

S foi bem acolhida e adaptou-se muito bem ao grupo. Aos poucos foi conseguindo acessar um rico espaço interior, trazendo símbolos e boas lembranças que a ajudavam a fortalecer-se e a voltar-se de novas maneiras para seus conflitos.

Sofrendo com sua instabilidade emocional, ela foi conseguindo, aos poucos, conquistar um maior equilíbrio. Com seu bordão “a vida é como ela é”, S pôde elaborar uma maior aceitação dos fatos da vida, reconhecer suas próprias polaridades, aceitando-as, podendo lidar, inclusive, com seus aspectos mais sombrios. Essa percepção de seus pontos mais difíceis e contraditórios ficou patente quando apresentamos uma sequência de autorretratos ao grupo, com destaque para aqueles realizados pelo mestre holandês *Rembrandt Van Rijn* e propusemos que cada uma delas fizesse seu autorretrato, buscando expressar como estavam se vendo naquele momento do processo arteterapêutico (figuras 12,13 e 14).



Figura 12. Diferentes facetas. Acervo da autora.



Figura 13. Olhar alerta. Acervo da autora.

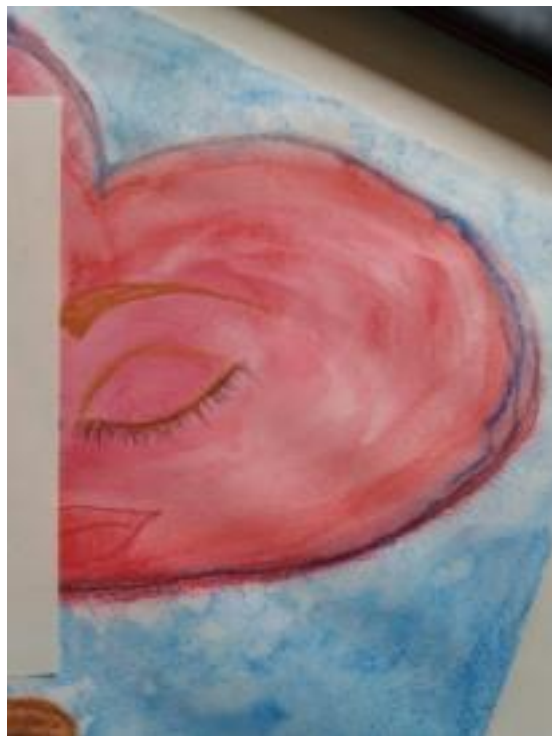


Figura 14. Olhar meigo. Acervo da autora.

S contribuiu bastante para a evolução do grupo como um todo, compartilhando suas experiências e a importância de sonhar. Ela pôde legitimar suas forças para não mais se deixar abalar tanto por perturbações externas, sentindo sua estrutura psíquica mais forte e estável. Há 35 anos residindo fora do Brasil, ela se sentia, frequentemente, como “um peixe fora da água” no país que escolheu para morar. Com a evolução do seu processo, ela

passou a desfrutar um agradável senso de pertencimento, investindo mais em seu autocuidado. Aos poucos, ela conseguiu se reintegrar-se ao mercado de trabalho.

B

A participante B iniciou sua atuação trazendo uma grande alegria de viver ao grupo; sempre sorrindo, parecia estar de bem com a vida. Falando rápido, dizia que, apesar de aparentar calma e tranquilidade, possuía “meteoros dentro de si”. Ela afirmou ter na família seu grande alicerce.

Alegando dificuldades em se expressar plasticamente, B dizia sentir-se mais confortável com as atividades escritas. Sempre envolvida em muito trabalho, afirmava almejar o equilíbrio para poder vivenciar a doçura da vida. Seu uso da cor sempre foi muito pessoal, destacando-se como um importante elemento em sua expressão.

B sofria com sua constante preocupação em realizar suas tarefas corretamente. Havia certo perfeccionismo permeando tudo o ela que fazia.

Aos poucos, ela foi deixando de incomodar-se com o fato de não gostar de sua expressão plástica, passando a ter prazer em realizá-la. Foi se permitindo experimentações, trabalhando criativamente com as cores, adquirindo soltura e fluidez. Começou a dar-se conta de que poderia configurar determinadas situações de diferentes maneiras, ampliando sua capacidade de enxergar a resolução de problemas.

Em meados do processo arteterapêutico, B deu um grande passo ao enfrentar, com humor e criatividade, as dificuldades que dizia ter com a prática do desenho e com seu próprio nível de autoexigência e perfeccionismo. A persistência foi sua grande aliada. Após momentos de dificuldades no 20º encontro, quando trabalhamos a partir de pinturas Impressionistas, posteriormente, em sua casa, ela produziu uma nova expressão plástica e acabou por realizar seu sonho de ter aulas de desenho com o próprio filho, ampliando, assim, seus canais de troca e comunicação com ele. Escreveu uma linda crônica sobre o que aconteceu e fez questão de compartilhar seu texto com o grupo, comemorando seus progressos e a aceitação de suas limitações.

Ao final de todo o percurso, B conquistou a calma e a persistência necessárias para permitir que o fluxo criativo acontecesse, acolhendo suas dificuldades com leveza e resiliência: “Aos poucos, a gente ganha confiança, prepara nossa nova moldura, põe vida na própria janela; e o que parecia estar cinza não está mais. (...) Não me preocupei com o acerto, com o desenho bonito e sim como poderia expressar de forma alegre, diferente, só com as cores” (figura 15).



Figura 15. Olhar meigo. Acervo da autora.

Um forte sentimento de autoaceitação ficou patente; ela conseguiu vislumbrar com muita satisfação seu processo de transformação desde o início de sua participação no grupo.

T

A participante T descreveu-se como uma pessoa tímida e como alguém que era solicitada o tempo inteiro pela família. Notou-se que ela precisava se valorizar e criar o seu próprio espaço. Seu sonho era poder morar em sua casa de praia, levando uma vida simples e bucólica, projeto este que ainda não tinha sido viabilizado devido às demandas familiares.

Na atividade com argila, que foi proposta após a apresentação de imagens de alguns trabalhos da ceramista japonesa, radicada no Brasil, *Kimi Nii*, ao deparar-se com as dificuldades de manejo do material, T refletiu sobre romper com algo que não servia mais para “liberar apegos que só trazem mágoas”. Sua resiliência e sua capacidade de ressignificação fortaleceram-se quando ela concluiu: “O sol faz brotar vida nova por entre as rachaduras que se fazem no barro” (figura 16).

O fato de *Kimi Nii* ter incorporado o efeito de um soco, desfechado pelo seu filho pequeno em uma de suas peças, provocou muitas reflexões no grupo.



Figura 16. O sol faz brotar vida nova por entre as rachaduras... Acervo da autora.

Conforme os encontros iam sucedendo, T conseguia entrar em contato com seus sentimentos de raiva e de solidão, acolhendo-os e enxergando a vida como uma travessia repleta de altos e baixos. Ela observou que começou a se fechar após os acidentes vasculares cerebrais que acometeram seu marido, pois ele passou a ter comportamentos repetitivos, com grande alteração de humor, o que a incomodava muito. Aos poucos, começou a ter consciência de que ele não tinha culpa, procurando lidar com estas questões de forma mais criativa e tolerante. Percebeu, então, que passou a lidar melhor com as dificuldades do esposo, na mesma medida em que conseguiu tornar-se mais tolerante consigo própria.

T passou a não se incomodar mais com as críticas alheias com as quais tanto sofria; procurou “afastar-se dessas pessoas”, conseguindo viver do seu jeito, de forma muito mais suave, sem cobranças, entendendo que “cada um pensa de um jeito” e que está tudo bem.

Em sua autoavaliação, T compreendeu que passou a ter mais contato com as pessoas e também com seus próprios sentimentos. Teve oportunidades de ampliar seu aprendizado (ela é portadora de um déficit de aprendizagem que nunca foi reconhecido por seus pais) e seu autoconhecimento. Começou a sentir melhora na sua memória e passou a ter mais atenção consigo própria; sentiu-se feliz por poder desfrutar de momentos só dela.

T percebeu a expansão de seu universo interior, relatando ter descoberto novas maneiras de se ver, de ver o mundo. Além disso, percebeu que havia um novo olhar de seus

familiares em relação a ela. Passou a realizar uma adaptação criativa às circunstâncias da vida. Deu-se conta de que “o certinho” não era possível, aprendendo a aceitar “o torto”, “o manchado” e o “sem sentido”, referindo-se também à condição de saúde de seu esposo, onde “nada mais era perfeito”. Declarou estar seguindo em busca de metas simples e da leveza que tanto almeja ter na vida.

Suas máximas foram: “Renascer todos os dias; aprender todos os dias; reciclar os pensamentos todos os dias”.

M

A participante M mudou-se de cidade buscando se reencontrar, deixando para trás sua família de origem e um casamento de nove anos. M sentia-se “livre por não estar fixa”, mas também “insegura por não poder fixar sua energia em lugar nenhum”. Portanto, “estava em processo”, sem saber exatamente o que queria para si.

Logo no início dos encontros do grupo, ela se queixava por seu ganho de peso, por ter desfeito um namoro e se questionava sobre a necessidade de definir um caminho, uma vez que possuía vários interesses acontecendo em paralelo.

M teve dificuldades em lidar com a argila. O tridimensional não se sustentava para ela, tirando-a de sua zona de conforto. Ela não conseguiu adaptar-se às limitações do material, lutando contra suas impossibilidades plásticas. Essa inadequação lhe trouxe muita raiva; “raiva da vida”, cujas limitações ela não conseguia elaborar. Foi “um processo muito forte, com muita raiva contida; ficou muita coisa para pensar”. Como lidar com as limitações e com toda essa raiva?

Nos trabalhos seguintes ela se deparou com confusão, fragmentação e desordem. Em dado momento de seu processo, conseguiu ressignificar tudo isso.

Por volta do 12º encontro, M já conseguia se ver de outras formas. Fazendo um retrospecto, ela escreveu: “reconheci e aceitei meu deserto. Cuidei da terra, plantei; agora, vejo as flores que habitam em mim”. Ela passou a apresentar uma evolução significativa quando pôde abrir mão de uma ideia preconcebida, deixando o controle da situação de lado, obtendo uma nova configuração, mais compatível com a sua realidade. Conseguiu, de forma criativa, manter seu trabalho tridimensional autoportante e estruturado, demonstrando flexibilidade e aceitação.

A certa altura, M comparou seu momento de vida atual com suas vivências passadas, refletindo se ainda estava fugindo de si mesma ou se já estava, de fato, vislumbrando a possibilidade de fixar raízes, acolhendo-se e voltando-se com respeito e carinho para si própria. Na verdade, ainda não sabia se permaneceria em sua atual cidade ou se alçaria a novos voos em busca de outras possibilidades.

Além disso, seu receio de sentir a perda de controle ainda permanecia presente em

suas expressões. Havia nela uma dificuldade de encontrar um equilíbrio entre doar demais ou nada doar em seus vínculos afetivos. Finalmente compreendeu a necessidade de deixar a energia fluir com mais naturalidade e leveza em seus relacionamentos, sem querer controlar o fluxo dos afetos envolvidos.

Por ocasião do encontro no qual trabalhamos o resgate de memórias da infância, a partir das imagens de algumas obras do artista brasileiro Cândido Portinari, M conseguiu relacionar suas dificuldades nos vínculos afetivos com seus conflitos paternos; estas passavam pela falta de confiança nos homens como pessoas capazes de amar.

Ficou patente, para ela, a questão de que cabe ao ser humano transformar suas relações com seus conflitos e ressignificá-los, ao invés de justificar suas mazelas com eles.

No 29º encontro, trabalhamos a partir das imagens de algumas colagens do artista francês Henri Matisse. M resgatou algumas memórias da sua adolescência e viu a barreira que lhe acompanhou por tanto tempo transformar-se na ponte do desenvolvimento para a vida adulta. Ao virar o seu trabalho em outra posição, ela se deu conta de que era um jardim e que a barreira, que inicialmente havia ali, tinha se transformado em uma ponte (figuras 17 e 18). Segundo ela, embora “tenha odiado sua adolescência”, na qual vivenciou sentimentos de estranheza e de não pertencimento, terminou por concluir que foi muito bom, porque a desafiou a ir além de seus próprios limites.



Figura 17. Barreira. Acervo da autora.



Figura 18. Ponte para o jardim. Acervo da autora.

Vivenciando seu processo de transformação, M passou a sentir-se livre e amada por si mesma. Segundo ela, “assumi a plenitude do feminino e suas próprias fragilidades”; percebendo-se “alguém em construção”, tornou-se mais orientada em seu mundo interior, projetando menos suas expectativas nos outros. Sentindo-se mais realizada em seu trabalho, mudou-se para um novo endereço, onde passou a morar sozinha pela primeira vez em sua vida.

Considerações finais

Pudemos perceber, no decorrer das sessões realizadas com o grupo, como conteúdos que antes eram latentes foram se transformando e revelando de maneira vívida e prazerosa para cada uma das cinco participantes.

Ao longo de todo o processo arteterapêutico foi possível observar o caráter vivo e aberto da obra de arte. Ela cumpriu seu papel enquanto agente revelador de aspectos inconscientes da psique, atuando de maneira transcendente, estabelecendo um diálogo entre o consciente e o inconsciente, permitindo que novas percepções surgissem à consciência.

Entendemos que a arte integra e condensa conteúdos que conectam o ser humano à sua própria natureza, evidenciando uma riqueza de significados que se renovam

continuamente. Ela ultrapassa o tempo e o espaço nos quais foi concebida, na medida em que é portadora de uma vasta gama de símbolos, que são manifestações de arquétipos imemoriais; constitui-se, portanto, em uma fonte inesgotável de chaves de acesso para o inconsciente. Sua aplicabilidade na Arteterapia demonstrou ser muito potente, na medida em que, por meio do resgate de imagens do inconsciente, cumpriu a função de ativar o processo criativo das participantes, possibilitando, assim, caminhos de transformação.

Por sua riqueza inexaurível de significados, trabalhar com a obra de arte enquanto agente sensibilizador, dentro do contexto arteterapêutico, constitui uma ferramenta prolífera que poderá ser ainda mais investigada e explorada pelos arteterapeutas.

Data de recebimento: 02.06.2023

Data primeiro aceite: 04.10.2023

Data segundo aceite: 13.11.2023

Referências Bibliográficas

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

CARRANO, E; REQUIÃO, M. H. **Materiais de arte: sua linguagem subjetiva para o trabalho terapêutico e pedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CARVALHO, O. V. **Criatividade e abertura de espaço: um estudo junguiano**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC, 2012.

CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/colagem#:~:text=Picasso%20e%20Braque%20foram%20os,todas%20as%20possibilidades%20do%20cubismo>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

COLONNESE, L. R. **Jung e arte: a obra em contínuo devir**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo USP, SP, 2018.

DORIGO, A. **Curso Temas da Arte nº 42 – O Surrealismo de Magritte**. Plataforma Hotmart. Conteúdo disponível por assinatura.

RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

FINGERMANN, S. **Elogio ao silêncio e alguns escritos sobre pintura**. São Paulo: BEI Comunicação, 2007.

GALESCO, W. **OBRA DE ARTE DA SEMANA: O mistério da “Mulher no Espelho” de Pablo**

Picasso, 2016. Disponível em:

<<https://artrianon.com/2016/09/13/obra-de-arte-da-semana-o-misterio-da-mulher-no-espelho-de-pablo-picasso/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JUNG, C. G. **O Espírito na arte e na ciência**. O.C vol. XV. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O.C vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Psicologia e religião oriental**. O.C vol. XI/5. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Tipos Psicológicos**. O.C Vol. VI. Petrópolis-: Vozes, 2013.

MAIA, D. O uso da arte como um recurso expressivo na clínica psicológica. *In*: SPACCAQUERCHE, M. E. B. (org.). **Encontros de Psicologia Analítica**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 177–185.

MAY, R. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

_____. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

_____. **Programa Educação pela Arte, Instituto Ayrton Senna**, São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NKmLqTOpGj0&t=370s>>. Acesso em: dez. 2020.

_____. **Instituto Fayga Ostrower: A Intuição, a Criação e a Beleza**. s/d Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3X-1_mB7UTY&t=474s. Acesso em: 11 fev. 2020.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

_____. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Editora Paulus, 2022.

SALDANHA, V. P. C. Vincent Van Gogh, um pintor em busca da luminosidade. *In*: SPACCAQUERCHE, M. E. B. (org.). **Encontros de Psicologia Analítica**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 187–188.

SILVEIRA, N. **Jung Vida e Obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor/Paz e Terra, 1975.